

OS HERDEIROS

Magalhães: como o seu pai



Almotadlha, fala mansa mas determinada de quem sabe muito bem o que quer, discreto, com um certo ar blasé, ou como diriam outros, um bibelô de luxo. Assim é o deputado Luis Eduardo Magalhães (PFL/BA), filho do ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações. Na aparência e no estilo, os contrastes são gritantes. No campo das ideias e ideologias, se parecem em tudo. E tal pai, tal filho. Está na militância política desde os 18 anos, conviveu de perto com os políticos mais influentes da Bahia, conspirou contra inimigos pessoais e políticos do pai, conquistou dois mandatos de deputado estadual, com direito à presidência da Assembleia Legislativa, chegando à Constituinte e à cúpula do Centrão.

— Eu sou mais tímido — diz o próprio Luis Eduardo, ao comentar as diferenças entre ele e o pai. "Ele, quando deputado, era mais combativo e usava mais a tribuna para defender suas ideias. Eu, com minhas características, procuro atuar mais nos bastidores, na parte de articulação", observa, argumentando que a tribuna neste processo constituinte não o estimula muito, pois embora existam teses contraditórias, não há debates.

O deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB/SP), seu companheiro no Centrão, define melhor as semelhanças com o pai ministro. "O Luis Eduardo, a meu ver, com a sua competência e esperteza política, está provando à sociedade que filho de paca nasce riscado. É a cópia do pai". O deputado paulista considera que entre os parlamentares que se incluem na lista dos herdeiros políticos na Constituinte, o filho do ministro das Comunicações foi um dos que conquistou espaço privilegiado.

— Cada um ocupa o espaço de acordo com o que pensa e faz — diz Luis Eduardo Magalhães, com segurança.

Essa consciência, diga-se de passagem, é mais ou menos influenciada pelo pai, com quem, reconhece, é afinado na maioria dos pontos polêmicos da Constituinte. "Eu procuro sempre conversar com ele, não só sobre política da Bahia e nacional", revela o deputado.

Já o deputado Jorge Hage (PMDB/BA), inimigo político da família Magalhães na Bahia e integrante da esquerda na Constituinte, diz não ter dúvidas de que Luis Eduardo segue a orientação do pai em suas decisões na Constituinte. "No início, a impressão de algumas pessoas era de que ele sofria conflitos, que era pressionado pelo pai. Mas com o passar do tempo ele provou que não só segue a orientação do pai, como tem a cabeça própria à dele. É um caso típico de direita mesmo, com todas as letras", diz Hage.

Apesar dos grandes e poderosos inimigos conseguidos ao longo da curta carreira política, a maioria passou de pai para filho, o deputado Luis Eduardo Magalhães revela que ser filho de Antônio Carlos Magalhães lhe abriu mais portas do que fechou. "Acho que não conseguiria me eleger sem o apoio dele. Aproveitei sua ajuda e parti para a construção de um espaço próprio na Constituinte", reconhece o deputado, revelando que em toda a bancada baiana, só não se dá com 4 parlamentares, inimigos pessoais da família.

As principais características que considera ter herdado do ministro Antônio Magalhães são "a sinceridade e coragem de dizer o que pensa".



Aécio se elegeu com o nome Neves mas não ostenta a qualificação raposa do Tancredo.

Luis Eduardo é imagem ideológica de Antônio Carlos

KUBITSCHKEK

O nome do estadista no Centrão

Mesmo tendo assinado todas as emendas coletivas do Centrão, a deputada Márcia Kubitschek (PMDB/DF) não considera que exista muita diferença política entre ela e o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Garante que "tem ideias próprias" e não se aborrece ou fica revoltada quando as pessoas confessam ter votado nela por causa de JK. "Recebo até como um grande elogio".

— Ao contrário do pai, é tímida e hesitante enquanto parlamentar. Não raro ela corre a companhia do Centrão pra solicitar explicações sobre questões regimentais básicas de encaminhamento das votações. Na votação sobre a reforma agrária, por exemplo, quando foi derrotado o primeiro texto do Centrão, originando o primeiro buraco negro, a deputada não sabia o que aconteceria a seguir, nem mesmo que texto seria colocado em votação. As dúvidas só foram sanadas depois de uma didática explicação feita pelo senador Jarbas Passarinho (PDS/PA).

Ela sabe, porém, que tem a responsabilidade muito grande de corresponder às expectativas geradas com o fato de ser filha de um político como foi o seu pai.

— Eu recebo todo tipo de cobrança, porque as pessoas acham que sabem melhor do que ninguém como agiria JK em determinadas situações. Mas eu procuro copiar o estilo do meu pai, sei que herdei dele, além do prestígio do nome, a tolerância, a capacidade de dialogar, sabendo tomar decisões e mantê-las até o fim. E sempre que eu esmoreço, minha mãe está do meu lado, como uma rocha, levantando o meu ânimo e me jogando pra cima.

Entre os seus colegas constituintes, é difícil achar quem saiba identificar semelhanças entre a política Márcia Kubitschek e o estadista JK. "Pelo que eu li, Juscelino Kubitschek foi uma figura grande demais. Não dá para comparar. Pelo menos até agora, a atuação parlamentar da deputada é uma decepção", observa o deputado petista José Genoíno Neto.

Apesar das críticas, ela confia que com o passar do tempo, possa provar às pessoas que lhe deram um voto, que não estavam erradas.



Márcia não se sente diferente de JK, embora vote sempre ao lado dos conservadores



Sarney Filho sempre ouviu o pai, mas nem sempre adotou posturas ortodoxas

Atritros, só na política

As relações entre o presidente Sarney e o deputado Sarney Filho sempre foram afetuosas, a ponto de se considerar que suas fotos mais alegres, desde a posse em 1985, foram as tiradas no Palácio do Alvorada com os netos recém-nascidos ao lado de um pai igualmente feliz, exatamente o deputado. Em dois momentos, porém, a íntima ligação política entre os dois pareceu arranhada, embora não a familiar. Quando Sarney Filho votou a favor da emenda Dante de Oliveira, em 1984, o então presidente do PDS viu-se na obrigação de enviar uma nota ao presidente Figueiredo desculpando-se. E há três semanas, quando Sarney Filho mais uma vez desobedeceu à liderança, desta vez a do PFL, causando um arido com o deputado José Lourenço, o presidente apoiou o líder desautorizado. Hoje, Sarney Filho está fora da Constituinte, como secretário de Estado no Maranhão.

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NOTÁVEIS

<p>JÂNIO QUADROS</p> <p>Controvertido por natureza, o ex-presidente Jânio Quadros é visto como um populista de direita, que após condecorar Che Guevara se incorporou à extrema direita radical do país. Na política, escolheu um estilo agressivo, com uma fórmula peculiar de austeridade. Hoje se transformou em defensor intransigente do governo José Sarney e do mandato de 6 anos. No campo econômico, idolatra o capital estrangeiro.</p>	<p>DIRCE TUTU QUADROS</p> <p>No temperamento, é boa de briga como o pai. Mas defende com igual agressividade teses antipodas na Constituinte, como o voto parlamentarista, o voto contra a entrada do capital estrangeiro no país e a promessa de votar a favor de um mandato de "três anos se possível" para o presidente Sarney. É apontada pelos progressistas como parlamentar claramente de centro-esquerda. Renega a figura do pai Jânio Quadros, com quem mantém uma relação conflitante e delicada, em todos os aspectos.</p>
<p>JUSCELINO KUBITSCHKEK</p> <p>Certamente uma das figuras políticas mais marcantes que o país conheceu. Afastado não só pela proposta de interiorização do centro de decisões políticas, foi uma de tudo um liberal democrata convicto, que defendeu bandeiras avançadas e conviveu com o pluralismo de pensamentos. Chegou a perdoar os golpistas de Jacareacanga e Aragarças. Um estadista de competência incontestável.</p>	<p>MÁRCIA KUBITSCHKEK</p> <p>Ao se comprometer com a corrente, mais conservadora da Constituinte, o Centrão, que tem funcionado como um freio dos avanços alcançados, a deputada Márcia Kubitschek provou que não há nenhuma relação de herança entre ela e o pai no campo da competência, da habilidade e das ideias, principalmente no aspecto político. Votou a favor da aprovação do regimento do Centrão, contra a sindicalização dos servidores públicos, e saiu do plenário na votação da reforma agrária. Como parlamentar, sua atuação é mediocre.</p>
<p>JOSÉ SARNEY</p> <p>Independente do episódio "Tancredo Neves", a carreira do político José Sarney foi marcada pelo oportunismo, como a saída de última hora do PDS para compor a Aliança Democrática. Filho de pai pobre, foi um estudante brilhante a nível de província. Era considerado habilidoso e o que se chama na gíria política de "engaxofador de gelo" ou "vaselina", na tomada de decisões. Na linha ideológica sempre foi profundamente conservador. Como parlamentar, era bom tribuno, principalmente no tempo da UDN.</p>	<p>SARNEY FILHO</p> <p>A grande diferença do político Sarney Filho com o presidente Sarney é a falta de habilidade e "fogo de cintura" como parlamentar. Quando constituinte, seguiu a orientação do pai em quase tudo. Quando resolveu dar uma resposta ao seu eleitorado, votando contra a tese defendida pelo presidente na questão da nacionalização da exploração dos minérios, foi destituído da vice-liderança do PFL em repesália. No Congresso Nacional só ficou conhecido quando votou a favor da emenda Dante de Oliveira.</p>
<p>ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES</p> <p>O ex-parlamentar, ex-governador, ex-burocrata e hoje ministro das Comunicações Antônio Carlos Magalhães é uma raposa política. Faz questão de abusar do estilo agressivo, explosivo e provocador. É temperamental e não hesita em lançar mão de todas as armas de que dispuser para atacar os inimigos que porventura atravessarem o seu caminho. Pertence à linha de frente dos ministros que defendem o presidente Sarney de todos os tipos de ataques, mas o seu alvo principal, hoje, é a CPI da Corrupção. É radical de direita e defende a participação do Estado em alguns setores da economia nacional, além do fim da reserva de mercado para a informática.</p>	<p>LUIS EDUARDO MAGALHÃES</p> <p>A aparência e o estilo em nada o identifica com o intempestivo Antônio Carlos Magalhães. Contrapondo-se à agressividade do pai, conseguiu moldar para si a imagem de um político menos autoritário, gentil e aberto ao diálogo. Por conta da diferença de estilos, já alcançou até fama de bom articulador. Quando presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, até os inimigos da família Magalhães — da bancada balana — reconhecem que havia um clima permanente de diálogo. Apesar deste contraste, entretanto, o deputado Luis Eduardo consegue misturar algumas características muito claramente herdadas do pai. A diferença de estilo não passa da aparência.</p>
<p>TANCREDO NEVES</p> <p>A sagacidade e a matreirice foram as marcas registradas da carreira política construída por Tancredo Neves ao longo de 51 anos de militância na vida pública. Hábil populista, tinha livre trânsito em todos os setores do Poder Civil e Militar. Bom estrategista, a convocação da Assembleia Nacional Constituinte seria sua arma para entreter as massas, embalada pela campanha das diretas e conformadas com o resultado do Colégio Eleitoral. Como bom mineiro, tinha características que ora o identificavam com o centro, centro-esquerda ou centro-direita. Não foi dos mais brilhantes parlamentares que o Congresso brasileiro conheceu.</p>	<p>AÉCIO NEVES (Aécio)</p> <p>Não dá para traçar parâmetros entre os 51 anos de vida pública do presidente Tancredo Neves, com um ano e meio do primeiro mandato legislativo do deputado Aécio Cunha Neves. Mas já dá para notar diferenças significativas no estilo de atuação dos dois políticos. Sem qualquer destaque, continua apagado entre os 559 constituintes. Nunca polemiza ou defende propostas mais avançadas. Nos bastidores, entretanto, foi vitorioso na articulação de matérias como a instituição do voto aos 16 anos e a manutenção da integridade do estado de Minas Gerais.</p>
<p>ADEMAR DE BARROS</p> <p>Foi o Paulo Maluf das décadas de 30 e 40 em São Paulo. Como Jânio e Maluf, chegou a ser um grande líder populista de direita, construindo seu prestígio político na ditadura, principalmente como interventor de São Paulo, a partir de 1937. Muito extrovertido, seu carisma provocava atitudes que beiravam ao fanatismo por parte de seus seguidores. É rico o folclore político que envolve a sua trajetória política e os que o conheceram mais de perto revelam que Ademar de Barros era um gozador por excelência. Com o início do processo de democratização no Brasil, se elegeu governador de São Paulo.</p>	<p>ADEMAR DE BARROS FILHO</p> <p>O deputado Ademarzinho entrou para a política quando o império e prestígio do pai já estavam se desmoronando. Como capital político, herdou o carisma do nome com o qual se elegeu. Ao contrário do pai sagaz, inteligente e extrovertido, o constituinte petebista é tímido e bastante discreto. A não ser fisicamente, não se parece em nada com o pai. É de centro-esquerda, com preocupações populares. Mesmo assim, não conseguiu até hoje provar que sua figura não é a mesma do populista de direita Ademar de Barros. As imagens dos dois políticos estão ainda fundidas.</p>